

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CASA
10 e 18 de Abril de 2026

TRYING TO KISS THE MOON / 1994

um filme de STEPHEN DWOSKIN

Realização, Argumento, Produção e Montagem: Stephen Dwoskin / **Assistência:** Tessa Glover, Anthea Kennedy, Ian Wiblin / **Assistência Adicional:** Jennifer Calvert, Phil Hendy, Trish Thomas, Frances Mary Turner / **Contribuições Especiais:** Beatrice (Trixie) Cordua, Robert Kramer / **Música:** Alexander Balanescu / **Excertos dos seguintes filmes de Dwoskin:** Alone, Behindert, Central Bazaar, Chinese Checkers, Tod und Teufel, Dynamo, Face of Our Fear, Further and Particular, Moment, Shadows From Light, The Silent Cry, Times For, Trixi, Video Letters / **Excertos adicionais de:** The Films of Stephen Dwoskin, de Anna Ambrose / **Cópia:** da Lux, em 16mm, cor e preto e branco, falada em inglês e alemão, legendada em inglês nas falas em alemão e electronicamente em português / **Duração:** 99 minutos / **Primeira Exibição Pública:** Festival Internacional de Cinema de Roterdão, 1994 / Sem estreia comercial em Portugal, tendo sido exibido no DocLisboa 2007 no programa “Diários Filmados e Auto-retratos” / Primeira exibição na Cinemateca: 11 de Setembro de 2012 (“Stephen Dwoskin – O Cinema como Jogo de Espelhos”).

NOTAS: A cópia apresenta alguns problemas ao nível do som, que em determinados momentos dificultam a compreensão dos diálogos. O texto desta “folha” foi originalmente escrito em 2012.

Age Is..., o último filme de Stephen Dwoskin (1939-2012), teve a sua estreia mundial no Festival de Locarno de 2012, assinalando uma muito merecida homenagem a um dos mais importantes autores do cinema experimental. Realizado com a colaboração de vários outros cineastas, como vinha sendo habitual nos últimos trabalhos de Dwoskin devido a um agravamento do seu estado de saúde, o facto de **Age Is...** testemunhar como continuou a trabalhar até aos seus últimos dias, atesta como filmar era um acto vital. Como Dwoskin escreveu em 2004: “*O cinema é a minha linguagem, sem a linguagem fico silencioso, e no silêncio deixo de existir*”.

Trying to Kiss the Moon, um dos seus mais admiráveis filmes, realizado em 1994, parece responder em pleno a estas palavras, tanto pelo seu carácter profundamente autobiográfico (o subtítulo é “An Autobiographical Film by Stephen Dwoskin”) como pelo balanço que Dwoskin aqui faz da sua vida e do trabalho que realizou até meados da década de noventa, no qual está bem presente a importância determinante do cinema. Influenciado pelos filmes de Michael Snow, Jack Smith e Ron Rice, Dwoskin participou activamente no desenvolvimento do cinema *underground* americano no início da década de sessenta, altura em que realiza os seus primeiros filmes antes de se mudar definitivamente para Londres em 1964. Uma mudança que é revelada em **Trying to Kiss the Moon** através de enigmáticos planos de um barco no mar alto com cores extremamente saturadas. Desde os seus trabalhos iniciais, o cinema de Dwoskin está fortemente ancorado na sua própria experiência, indissociável de um corpo parcialmente paralisado em criança pela poliomielite. Mas a relação entre o seu cinema e a doença, talvez seja aqui revelada de forma mais explícita do que em qualquer outro filme, não obstante a força com que tal é mostrado em dois dos seus trabalhos mais emblemáticos: **Pain Is...** (1997) ou **Behindert** (1974).

Trying to Kiss the Moon pode ser descrito como um verdadeiro poema autobiográfico num sentido relativamente “clássico” do género. E usamos as aspas pois, se o próprio Dwoskin o

considera mais clássico do que outro tipo de derivas pessoais de carácter biográfico, “clássico” não será a palavra ideal para descrever este filme que mistura as questões que atravessam a obra de Dvoskin com excertos de *home movies*, que revelam fragmentos da sua infância nos Estados Unidos (registados pelo seu pai, a quem Stephen agradece a possibilidade deste filme), mas também excertos dos seus filmes (todos eles com uma óbvia dimensão biográfica), partes de entrevistas, projectos inacabados, correspondência, e testemunhos do próprio. Uma pluralidade de elementos que se relacionam através de um inventivo trabalho de montagem que tem particular atenção ao som (também na sua relação com o silêncio).

Video Letters, a correspondência-vídeo trocada entre Dvoskin e Robert Kramer em 1991 – um dos muitos filmes de que vemos aqui pequenos excertos –, na sua dimensão epistolar já apontava para muitos dos aspectos mais diarísticos deste filme, mas o carácter mais acabado de **Trying to Kiss the Moon** e a sua maior ambição, fazem dele uma obra substancialmente mais densa, que espelha a densidade dos materiais que engenhosamente tece. Ao traçar paralelismos há que referir o fortíssimo momento de uma dessas “cartas” em que Dvoskin ensaia um difícil exercício de locomoção em cadeira de rodas em torno da sua casa. Momento que rima com as imagens de **Trying to Kiss the Moon** que o mostram em miúdo a tentar entrar num carro e o embaraço provocado pelas muletas. Em **Trying to Kiss the Moon** estas imagens (presumivelmente filmadas pelo seu pai) são seguidas pelas de uma rapariga que se despe num dos filmes mais antigos de Dvoskin, o que revela o carácter mais anárquico do seu exercício de montagem.

Liz, Karon, Trixie e muitas das mulheres que atravessaram a vida de Dvoskin e que marcaram profundamente um cinema em grande parte assente no desejo e na exposição desse mesmo desejo e da sexualidade compõem assim em **Trying to Kiss the Moon**. A um projector que apresenta um “momento” de êxtase feminino (Tina Fraser em **Moment**, 1968) seguem-se dois excertos de **Behindert**, em que ao rosto aberto de Carola Reigner do início do filme sucede o seu rosto extremamente carregado no final. Planos que, pela sua aproximação extrema, dão conta da perturbação que se instala nesse filme de 1974, um dos primeiros em que Dvoskin volta a câmara para si próprio. Ao explorar um lado mais confessional do cinema, **Trying to Kiss the Moon** permite uma verdadeira introdução ao universo de Dvoskin, reenviando para a dimensão de jogo de espelhos presente em todo o seu trabalho. Tal é cristalino quando Dvoskin se apresenta “during the making of this film” e vemos imagens do seu pai a filmar com uma velha câmara, acompanhadas pela sua voz trémula em *off*: “This is me during the making of this film”.

“I’m trying to kiss the moon”, diz mais à frente Dvoskin, enquanto tenta deter a Lua nos limites do seu enquadramento. E acrescenta: “I can’t get any closer.” É assim que este grande cineasta (para quem “experimental” era uma “tricky word”) repete as palavras ensaiadas numa *video letter* dirigida a Kramer em 91. Mas aqui, três anos depois, está claramente mais “perto”. Por tudo o que filme contém nas suas recorrências e obsessões, **Trying to Kiss the Moon** é uma das obras maiores de Dvoskin e um dos marcos no género do auto-retrato cinematográfico, que reenvia para a sua investigação sistemática em torno do *voyeurismo* e para a possibilidade de criação de uma relação única com o espectador, o que constitui um dos pilares de todo o seu trabalho enquanto cineasta.

Joana Ascensão